



**As políticas públicas para a saúde indígena e o a política de saúde das mulheres
kaiowá da reserva de Amambai, MS.**

Pereira, Lucia¹

Essa pesquisa foi desenvolvida na reserva de Amambai, sua localização está na rodovia MS-386 Amambai-Ponta Porã, no Cone-Sul de Mato Grosso do Sul, divisa com o Paraguai, cidade de Coronel Sapucaia, seu nome conhecida pelos indígenas é Guapopy. apresento aqui minha pesquisa que venho abordando sobre a gestação, parto, e pós-parto práticas das parteiras, conhecida como jári tradicional

Entretanto é importante falar sobre o papel que as mulheres kaiowá, vem realizando, o cuidado sobre o corpo, venho ressaltar nesse artigo o papel das mulheres, essa interlocução na comunidade. As mulheres sempre tiveram seus partos em seus domicílios, com o reservamento tudo se modifica, a instalação de instituição para cuidar da saúde indígena, colocando indígenas refém do sistema da saúde, portanto diversas jári tens se afastado de seus cuidados, mas por outro não podia negar seus cuidados, quando as gestante à procuram. Desde então a relação, entre essas duas políticas, tornou-se muito conflituosas, sendo assim, pretendo apresentar os desafios que me foi posto. Cada etnia possui suas especificidades de cuidados, portanto quero destacar sobre a mulher kaiowá de Amambai, MS.

Atualmente na reserva de Amambai acontecem fatos variados, entre as práticas das parteiras, e o sistema de saúde, ao longo do processo de colonização, efetivou-se

¹ Mestranda em Antropologia na Universidade Federal da Grande Dourados 2018. Formada em ciências sociais pela UEMS, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul em 2017.

várias imposições para cuidar da saúde indígena, especificamente gostaria de abordar sobre as mulheres gestantes, *kuña puruça*.

Iniciei minha pesquisa num lugar chamado Panduí² uma parte da aldeia que também é chamado de *chugua*³ nessa pesquisa conheci as parteiras-jári, e os profissionais da área de saúde que atua na comunidade indígena local. Essas pessoas se sensibilizam com as práticas tradicionais, que abraça a luta juntamente, com as mulheres indígenas. As redes que atuam juntas com as jari, são aquelas que diariamente, costumam, o cuidado tradicional com o cuidado ocidental. Por outro como destaquei no princípio sobre a roda de conversa, de grupo de *kuña puruça*⁴ essa roda de diálogos acontece desde 2017, aonde se pensou o fortalecimento das práticas de cuidados das jari, em 2018, colocaram em ação. A reunião acontece no postinho de saúde do panduí, com as mulheres grávidas, nesse local as parteiras também participam, os profissionais também ouvem, sobre o cuidado tradicional.

Quero deixar aqui um grande abraço, as todas as mulheres que lutam pelo parto humanizado, especialmente as jari de Amambai, apresento aqui a experiencia de campo, das mulheres gestantes, também sobre o cuidado tradicional, feito pelas jari. Ao longo desse processo, pude entender a importância, de lutar pelo parto humanizado, que por outro a instituição, precisava conhecer a especificidade de cada mulher, para acolher de forma saudável.

Foi compreendendo os espaços das mulheres, que nasce o meu interesse, pela saúde reprodutiva da mulher indígena kaiowá, e assim fiquei muito curiosa para saber mais sobre os cuidados e as práticas tradicionais, ir ao campo de pesquisa, se torna desafiador, porque eu era uma estranha nesse meio, não sou profissional da saúde, como também não estava grávida, estava lá para compreender os trabalhos das parteiras, *jari*⁵. E entender o papel das mulheres. Destaco aqui. Gil 2003.

Do fato da mulher manter certas práticas para conversar sua saúde e da criança quando dá a luz na aldeia, como é o caso do enterramento da placenta, também apontada como não adequada. As dietas os banhos e o uso de plantas medicinais,

² Região da aldeia

³ Conhecida como fundo da aldeia, onde acontecia as conversas, sobre o cuidado

⁴ Mulheres grávidas

⁵ Parteiras

bem como criação de uma relação especial, concebida em termo de compadrio, entre a criança a mãe e a pessoa que corta o cordão umbilical, são preservados no parto domiciliar. No hospital, entretanto são encontradas várias dificuldades a esse respeito, já que a mulher não pode dispor da placenta e a alimentação que recebe não é considerada apropriada para uma parturiente de forma que não pode seguir as dietas e os resguardos prescritos por sua tradição.

Discorro agora a importância dos trabalhos que essas parteiras vêm realizando, e como também o sistema impede que elas continuem fazendo esses serviços, uma parteira fala *eu não queria mais fazer, mas a puruã* (grávida) me pedem, e não posso negar meu trabalho *me afetou*, existe cuidado especial quando se tratam delas, agora elas já são senhora de idade relatam sua experiência, e o modo de cuidado com a criação do corpo. É importante ressaltar essas práticas, entre as parteiras e os profissionais da saúde, essas trocas de saberes dos cuidados, assim criam uma forma de atender melhor as mulheres da comunidade, isso não se via desde a criação do sistema, as mulheres que trabalhavam como parteiras não era visto como parteiras, era deixado para que o sistema cuide dos pacientes, assim violava os cuidados delas, e com o tempo essas cuidadoras foram desaparecendo.

A prática do parto e de cuidados de saúde entre os kaiowa se dá muito em função de um conhecimento feminino, mas vem se transformando no decorrer do tempo e adquirindo outras formas, configurações e intensidades em virtude da situação territorial e do envolvimento de agências do estado na vida e no cotidiano das mulheres Guarani e Kaiowá, Isto ocorre devido a pressão que as sociedades não indígenas exercem no mundo indígena, seja pela expulsão de nossos territórios, seja pela intervenção de agências de saúde, da rede de proteção as crianças e as mulheres, a presença da escola e a mistura das etnias nas aldeias, onde o cuidado com o espaço é interpelado por novas redes de aliança que se formaram e se transformam no passar dos anos em virtude do *esparramo (sarambi)* (Pereira, 1999) e do *confinamento* em reservas BRAND, 1997.

Nessa trajetória de pesquisa nas reuniões, seja na conversa informal, as mulheres indígenas me relatam que pedem os cuidados das parteiras, por que elas se sentem mais

à vontade, nos dias atuais temos dois momentos, o sistema, e o cuidado tradicional, a mulher pode escolher se ela quer ter esses dois cuidados. São concepções importante para costurar o modo de cuidado, e o modo de ser, e assim mostrar o *teko porã*⁶, as parteiras também acredita, que as crianças que teve processos tradicionais, nasce e cresce mais felizes, e até tem a vida mais saudável, não cresce doente, pois desde o ventre da sua mãe já e cuidada pela *mainã*⁷, a criança se torna *ihazó*⁸ dessa parteira que a cuidou.

Deste modo destaco também a Dias-Scopel (2015), discorre sobre o parto na etnia Munduruku, onde os dois sistema trabalham em conjunto, isso e muito importante para os indígenas, isso envolve as parteiras, os rezadores, e os profissionais da saúde, e sendo assim costura os aprendizados, é preciso considerar uma pauta essencial que abordaram na conferência de 2015 sobre as práticas da saúde, que discorre o seguinte termo:

Identificar e inserir, no contexto do trabalho das equipes multidisciplinares de saúde indígena, os xamãs e as mulheres que prestam assistência ao parto, para incentivar na realização do parto tradicional indígena e a troca de conhecimentos indígenas e não indígenas (5 conferência nacional da saúde indígena: relatório final, 2015 pg.53).

Para o ministério da saúde e preciso ter números que atestem que o sistema está dando resultado, e assim deixa de lado os costumes, as crenças, e os saberes indígenas, o sistema apenas quer o gráfico, a tabela, as porcentagens de atendimentos, sendo que os cuidados dos indígenas e totalmente diferente, é preciso compreender os espaços, as emoções, e as práticas quando se lidam com o corpo, a construção do ser, isso o sistema desconhece. Quando a parteira constrói o vínculo com a *puruça*, a mesma escolhe para ser a *mainã* da criança, e assim os cuidados acontece, escolhem a partir de 5 mês da gestação, assim já pode sentir a criança, e ter a sensação de qual sexo e, se for menina a barriga parece bolinha, *ijapuça*⁹ e se a criança for menino já e *hyru puku*¹⁰ então

⁶ Bom viver

⁷ Madrinha

⁸

⁹ Quando a criança for menina a barriga da mãe e pequena parece uma bolinha

começa os cuidados para que eles não venha a ter o *ñemoyrô*¹¹ esse cuidado acontece para que as mães não venham a ter muito cansaço, cuidar a alimentação, o modo de ser, e assim a criança vai recebendo a alma boa, energia, desde o ventre da sua mãe juntamente com sua *mainã*, as massagens que elas recebem e para que as crianças se posicione bem, como também não machucar muito a sua mãe, as parteiras trouxeram para mostrar as plantas medicinais, elas conhecem para que os bichos não venha fazer *ojepotá*¹², nesse dialogo elas também falavam sobre as plantas, que sempre acompanham nas massagens.

Seraguza (2015) aborda que os homens também faz o parto, porém isso e raro na comunidade kaiowá, esse trabalho e mais voltada para as mulheres, os homens fazem o parto na ausência de uma parteira, como também participa a primeira menstruação da menina moça na ausência de sua mãe, isso não quer dizer que o homem e excluído nesse ritual, o trabalho dele é buscar mantimentos, e também buscam ervas medicinais para filha ou para sua esposa.

Depois de algumas semanas, procurei algumas parteiras para realizar algumas perguntas, nesse momento me deparei com alguns autores mencionados durante as aulas de mestrado, dentro dessa perspectiva Fravet Saada em *les monts* (1997) discorre sobre a feitiçaria, assim também me senti quando estive fazendo a pesquisa, perguntava se elas se sentiam parteira, ou se autodenominava como parteira, uma dela me respondeu, se você falar que eu sou parteira ~~então eu sou parteira~~ e assim me dizia com risos, algumas delas me perguntava por que eu me interessava sobre esse assunto, sendo que eu era muita nova, e não tinha filhos, eu aprendi a explicar, a importância de registrar os conhecimentos delas, essa sabedoria é muito rica, para nós mulheres kaiowá.

Muitos assuntos são abordados quando fazemos a pesquisa, não tinha como não se afetar, no primeiro momento, contavam também minha história, nasci com parteira, e hoje tenho saúde, me interessei de conhecer como acontece, o cuidado tradicional, elas me falaram que no tempo delas não existiam a SESAI, CASAI, não havia AIS, não havia nada disso, e que atendiam as mulheres em casa. Em uma conversa com a minha *mainã*, ~~perguntei~~ quantas crianças já tinha nascido com ela além de mim ~~ela~~ olhou para mim e ri, e fala assim, ~~muitas~~ na maioria das vezes ela

¹⁰ Se for menino a barriga se torna mais larga.

¹¹ Chateado (a)

¹² Encantamento.

realizava o parto sozinha, e atualmente ela sente *mbaraø*¹³ causada nos atendimentos, depois de realizar o parto do paciente, cuidava dela uma semana levando chá, e ao pôr-do-sol realizava o benzimento, com esse benzimento fazia o *ñemotihã*¹⁴ banhava a parturiente e a criança nas ervas, elas também relatam que tem apenas dois cantos para esse momento, quando mandam as mulheres para hospitais, primeiro elas benzem faz a massagem, assim elas não levam corte, existem plantas que se chama *yvychi*¹⁵, e *yvychi mirin*¹⁶ *yvychi guasu kundu*¹⁷ essas plantas mencionadas é para tomar e utilizar durante a gravidez, existe plantas que para tomar pós-parto, que se chama *jetymbykai*¹⁸, sendo assim a criança nasce saudável, e tem mais energia, nos hospitais como não tem esse cuidado com crianças, eles acabam tendo pneumonia.

Vários casos acontecem, a criança ficam com a moleira quebrada, muito quebranto, os hospitais e um espaço de muitos movimentos, e a criança por ser sensível adquire muitas energias, negativa e positivas, assim ele não consegue ter proteção e acaba adoecendo, e quando isso acontece só a reza e a solução, a reza traz a paz, quando uma criança adoece nos hospitais sua alma *guyraø*¹⁹ está muito triste por não saber onde sentar, e sendo assim a criança fica com a moleira quebrada, *ojohea*²⁰.

Os hospitais e onde circula muitas pessoas, e muitos profissionais, porém não entendem a especificidade da mulher indígena, e da criança recém-nascidas, esse momento a criança não precisa ser vista, e nem receber visitas, mas por outro, nesse espaço e o que sistema precisa identificar, para serem mais dados, receitar os medicamentos, e ter o peso necessário, em Amambai existem dois lugares para serem passada, o hospital Regional, e a Casai, esses lugares não entendem o modo de vida indígena, os cuidados que devem ter com a mãe, e com a criança, esse modo de cuidado oferecido para indígena, muitas mulheres mais velhas desconhecem, os relatos de mulheres que tiveram seus filhos (a) no hospital relatam que não tiveram cuidados como

¹³ dor

¹⁴ Reza para mal espírito

¹⁵ Nome das plantas medicinais, esse e para massagear para tomar em chá.

¹⁶ Nome das plantas medicinais, só toma.

¹⁷ Nome das plantas medicinais, só para massagem.

¹⁸ Plantas medicinais para não sentir dor depois do parto, deve fazer chá e tomar fria.

¹⁹ Alma, se chama passarinho.

²⁰ moleira, e quebranto.

as das parteiras, então tem o modo de cuidado muito diferente quando falamos do corpo.

Cuidado sobre o corpo desde a gestação.

Importante ressaltar esse cuidado das parteiras Jari²¹, desde o quinto mês da gestação a família procura uma *mainã*²² para cuidar da criança, assim ela começa a cuidar da *puruça*²³ então inicia a massagem, e o modo de ser gestante, o cuidado com a alimentação se torna muito importante na gestação, pois tem comida que se torna proibida para as mulheres, como também ter o cuidado com o bicho de estimação, ou de outros animais, a mulher não pode demonstrar que não gosta da fulana, pois sua filha (o) virá parecida com a fulana (o) que a mãe não gostou na gestação, os desejos que mais sentem e comer o *mokaø*, elas sentem o desejo de comer peixe, e frutas, mas quando pescam o pai não poderá ficar muito no rio, pois será perigoso para ele ficar perto pois os bicho virão fazer *ojepotá*,²⁴ pois quando o pai é jogador de futebol é necessário que ele diminua o ritmo do jogo, pois seu filho (a) quando nascer virá muito cansada (o), não poderá comer ovo, e nem colocar feijão na panela, são as recomendações que as parteiras fazem no início, e segue isso até o nascimento da criança.

Muitas parteiras relatam que antes os partos aconteciam e se faziam em casa como já ressaltai, as mães desde a gestação recebem os cuidados necessários, recebiam chá de plantas medicinais para não sentir muita dor quando a chegada hora do nascimento, as massagens nesse momento era frequente, até o nascimento, e acontecem até nos dias de hoje na residência da gestante, se a parteira vê que não vai nascer ela manda no hospital, mas raramente mandam, o cuidado com o corpo se torna fundamental nesse momento, todas as orientações que foram ditas aparecem na hora do parto, assim elas vê que foram seguidas, não prejudica na saída do bebe, caso contrário terá que trazer algo para passar na barriga, e fazer o *ñemotihã*.²⁵

²¹ parteira

²² madrinha

²³ gestante

²⁴ encanto

²⁵ espanto

Assim as mulheres kaiowá realizam o seu trabalho trazendo os passarinhos nos assentos deles, assim se faz o corpo, assim se faz a alma, todos os cuidados sobrenaturais, em voltas, mas isso o sistema da saúde não consegue entender, e aceitar que um dia esses foram os cuidados que as mulheres faziam antes deles.

Até o momento tenho mapeado e tema junto as mães, parteiras e profissionais de saúde. Algumas categorias indígenas relacionadas aos cuidados com a saúde das mulheres foram aqui brevemente apresentadas, serão desenvolvidas na dissertação de mestrado. A ideia é produzir diálogo entre essas duas políticas que trabalham com o meu povo, o sistema, e o trabalho realizada pela mulheres guarani kaiowá da reserva de Amambai, e pretendo dialogar com as parteiras, e com os profissionais da área da saúde que atendem a população local, como também será realizada pesquisa de campo, e leituras científicas para a produção desse trabalho, como discorre Cardoso (1996) olhar, ouvir, e escrever, refletir sobre as abordagens dos não indígenas para nortear a produção, outro procedimento da pesquisa é analisar a relação dos coletivos kaiowá e com as imposições da política de saúde proposta pelas agências da sociedade nacional. Para isto será necessário identificar a relação que conecta cada um dos coletivos analisados com o mundo não indígena, SESAI, DSEI, os impactos que acontecem, e aconteceram com a chegada desse sistema *pyahu*²⁶

Pretendo, enfim, oferecer uma visão antropológica da perspectiva indígena, sobre essas relações e o modo como elas se articulam na produção de coletivos inseridos nas formas próprias de socialidade kaiowá. Sendo assim trazer informações que possa ser refletida no modo ser kaiowá, apresentar as crenças, a cultura, e as relações vividas pelas mulheres guaranis kaiowá, a sua trajetória que foi corrompida pelo sistema dos *karai*²⁷. A fase final da pesquisa será dedicada a sistematização e analisar os dados, em diálogo com a teoria antropológica, sendo assim pretendem realizar a minha pesquisa na minha própria comunidade, estranhar o familiar como já dito em antropologia, registrando os cuidados, e o modo de ser kaiowá.

Espera-se ampliar a discussão sobre a percepção da saúde das mulheres Guarani e Kaiowa a respeito de sua própria formação social e modo como ela interage com as transformações históricas em que passa essa comunidade, mostrar também para os profissionais da saúde que é importante respeitar a cultura, sendo assim valorizar os

²⁶ Sistema.

²⁷ Não-indígena

saberes tradicionais, relacionar o cuidado indígena com a saúde dos não indígenas, do acesso as práticas, e os uso da medicina tradicional, percebe-se que a pesquisa será de muita importância para essas mulheres, os registros dos saberes se torna um caminho que conduz a valorização desses conhecimentos, portanto pretendo com a essa pesquisa trazer as história das mulheres que tem afeto pelo trabalho.

A expectativa de estar realizando esse trabalho nessa área e muito importante para os kaiowá, especialmente para as nós mulheres indígenas, pois ganha um novo caminho, e um novo cenário, agora a resistência é na escrita, ao ganharmos espaço para escrever, temos uma responsabilidade de continuar resistindo, e existindo, por que a cultura e dinâmica, as mulheres kaiowá consegue levar os dois juntos, ~~o~~ o sistema, e o conhecimento tradicional~~o~~ ela vai ampliando o modo de cuidado, se não estiver sebo de animais elas utilizam o óleo de Argan para fazer as massagens, e assim continuam fazendo seu trabalho, a reserva e um espaço que confina como dizia, BRAND (1993), então as mulheres kaiowá se torna refém do sistema, e essa pesquisa é desenvolvida juntamente com as parteiras, dando valorização e visibilizando os cuidados delas, isso torna cada vez mais importante para a comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendo nesse trabalho tornar visível a importância da mulher kaiowá, e para os parentes próximos, as redes que se envolvem em torno da família, para as mulheres kaiowa a gestação se torna algo uma união de um grupo, os cuidados de outras famílias aliam a um grupo desconhecido, tornando uma rede, assim a criança move essa ação que a chamamos de política, e importante ressaltar também o trabalho da rede de proteção da saúde tradicional. A importância de continuar fortalecendo esses saberes, e se tornando aliado uma das outras. Portanto, o desafio enorme que carrego como pesquisadora kaiowá, busco entender o motivo de todas as mudanças na cultura kaiowá, com uma nova projeção do sistema.

Almejo nesse trabalho entender as formas dos cuidados kaiowá, e outras compreender a forma dos cuidados diferentes que o sistema oferece, podendo ajudar a sensibilizar quando se fala do corpo da mulher indígena, os atendimentos estranhos que recebem durante a gestação, os cuidados totalmente distintos do nosso universo kaiowá, uma vez que temos a nossa crenças, precisam ser respeitada, visto que somos totalmente diferente do *karai reko*, mas como o tempo mudou, encontramos diversas pessoas no nosso espaços, encontramos leis que conduzem ao nosso favor e as contras, deparamos que nos adaptamos, o modo de não indígenas, mas por outro não devemos deixar de lado o nosso conhecimento indígena, existem a reza, as plantas, e estamos valorizando isso para que não serem extintas. como a *jari* mesma ressalta *ø ore háø jari rembyreøø*²⁸ quando ouvi isso me doeu muito elas já estão velhas, mas gostam de realizar parto.

Na *aty kuña* conheci muitas parteiras, aprendi muitas coisas boas, entendi a mobilização delas por parto humanizada, elas me deram força para continuar realizando essa pesquisas, pois muitas coisas os *karai*²⁹ não entendem, as coia virada, quando na gestação a mulher não realiza o *teko porã*³⁰ então essas práticas precisa ser ensinada aos *karai*, o modo do bom viver, os cuidados de muitas coisas que envolve a criança para que não venha sofrer com *poasya*³¹ quando isso acontece o rezador e chamado para

²⁸ Nós somos os restos das parteiras

²⁹ Não indígenas

³⁰ Bom viver

³¹ Coisa ruim

junto fazer o benzimento, e curar a criança, a mãe é notificada o porquê dos acontecimentos, as mulheres jovens de hoje conhece poucas coisas, mas aqui em Amambai o cuidado tradicional ainda é feito pelas mulheres parteiras, isso torna importante a minha pesquisa.

Bibliografia

CARDOSO DE OLIVEIRA, ROBERTO. O trabalho do antropólogo São Paulo 2000.

FREVET-SAADA, O quem das coisas: etnografia e feitiçaria em Les Mots, La mort, les sorts jan.2012.

FERREIRA. OURIQUES. Medicina Tradicional em contextos. Anais da I reunião de monitoramento. Projeto Visigus II/Funasa. Brasília: Fundação Nacional de Saúde, 2007.

SCOPEL.D.DIAS.SCOPEL.R.P. A cosmopolítica da relação do parto e do pós-parto prática de autoatenção e processo de medicalização entre os índios Munduruku. 2015.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar 1997.